



CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Cinemateca Júnior

Palácio Foz – Praça dos Restauradores

L'ARGENT DE POCHE / 1975

Na Idade da Inocência

Um filme de François Truffaut

Realização: François Truffaut / *Argumento:* François Truffaut e Suzanne Schiffman / *Director de Fotografia* (35mm, Eastmancolor): Pierre-William Glenn / *Cenários:* Michel Grimault / *Guarda-Roupa:* Monique Dury / *Música:* Maurice Jaubert; a canção “Les Enfants s’ennuient le Dimanche”, por Charles Trénet / *Montagem:* Yann Dedet / *Som:* Michel Laurent, Michel Brethez, Jacques Maumont / *Interpretação:* Geory Desmouceaux (*Patrick*), Philippe Goldmann (*Julien Leclou*), Jean-François Stévenin (*Richet, o professor*), Claudio Deluca (*Mathieu Deluca*), Franck Deluca (*idem*), Richard Golfier (*idem*), Laurent Devlaeminck (*Laurent Riffle*), Bruno Staab (*Bruno Rouillard*), Sébastien Marc (*Oscar em criança*), Chantal Mercier (*Chantal Petit, a professora*), Marcel Berbert (*o director da escola*), Vincent Touly (*o bedel*), Eva Truffaut (*Patrícia, a rapariga mais nova no cinema*), Corinne Boucart (*Corinne*), Nicole Félix (*a mãe de Grégory*), Grégory (*idem*), Yvon Boutina (*Oscar adulto*), Laura Truffaut (*a mãe de Oscar*) e outros.

Produção: Les Films du Carrosse e Les Artistes Associés / *Cópia digital legendada em português / Duração:* 105 minutos / *Estreia Mundial:* Março de 1976 / *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinemas Ab Cine e São Jorge), 10 de Agosto de 1978.



A partir de um certo ponto da sua carreira, François Truffaut era capaz de fazer concessões, por vezes surpreendentes, mas também de tomar certos riscos, não menos surpreendentes. Como observou o seu fiel colaborador, o director de fotografia Nestor Almendros: “*Ele era económico por princípio, mas quando tinha um capricho atirava-se à água*”. Entre as concessões, como testemunhou Almendros, foi a supressão de elementos visuais importantes na parte baixa da imagem, tendo em mente a legendagem dos seus filmes nos Estados Unidos. Conta-nos Almendros numa entrevista (*Cinématographe* (nº 105, Dezembro de 1984) que isto se passou pela primeira vez com **O Menino Selvagem** (1970): Truffaut refilmou um plano porque havia três copos na parte baixa da imagem, que seriam tapados pelas legendas do filme no estrangeiro (“*Ele lembrou-se do seu mercado americano*”). Mais tarde, Truffaut também suprimiria elementos importantes em toda a extremidade direita da imagem, a pedido dos distribuidores japoneses. Ou seja, todos os filmes que

fez a partir de certa altura têm um quadro visual relativamente restrito, alimentando em parte as críticas daqueles que dizem que ele tinha poucas ideias visuais, o que é inexacto: as suas ideias visuais não eram aparatosas, pois nada no seu cinema é aparatoso, embora este cinema possa ser terrivelmente preciso e eficaz. Por outro lado, Truffaut queria de tal modo fazer um filme como **O Quarto Verde**, embora consciente de que seria um fracasso comercial, como foi, que fez o filme e desempenhou o papel principal. Sabia que ia perder dinheiro, mas *“atirou-se à água”* deste *“capricho”*.

Em **L'Argent de Poche** as concessões talvez sejam mais visíveis do que os riscos e o filme esteve na origem de um atrito entre Truffaut e Rivette, um dos seus amigos mais antigos e fiéis. Do ponto de vista da estratégia de produção, o filme talvez ilustre o cálculo que consiste em ter um êxito comercial, para depois poder permitir-se trabalhos mais arriscados. É um filme dirigido à “França profunda”, tão profunda que a acção começa, literalmente, no centro geográfico do país. Aqueles que julgam “açucarado” o cinema de Truffaut (onde não faltam filmes amargos, terríveis) e lhe contrapõem a “perversão” de um Chabrol, têm algumas armas com este filme. O título comercial português bem mostra como o filme foi percebido pela maioria, quando a infância, em Truffaut, embora muitas vezes vítima (o muito duro e autobiográfico **Les Quatre Cents Coups**), nem sempre é inocente. O próprio Truffaut reconheceu este aspecto numa entrevista a Jean Delmas (*Jeune Cinéma*, nº 95): *“- A única crítica que me abalou bastante quando o filme foi lançado é quando disseram que em L'Argent de Poche não se vê a crueldade das crianças. - Estou de acordo, sobretudo porque vemo-la em Les Mistons. - Sim, mas em Les Mistons este facto perturbou-me, por isso abandonei o projecto de fazer uma sequela ao filme”*. Mas não é apenas a crueldade das crianças que está ausente (o que é especialmente curioso num filme em que se lê um trecho de Bruno Betheleim, ostentando a capa do livro), é a crueldade de modo geral ou, mais simplesmente, a falta de consequência dos gestos: depois de Grégory dar cabo das compras da mãe, segue-se um paralítico (não sabemos como ela reage) e pouco depois ele cai da janela de um quarto andar e não morre (saber se isto é possível ou não na “realidade” é irrelevante). Existe uma criança-mártir, mas o seu martírio é descoberto por uma instituição, a escola, ela é salva por outra, a polícia e o assunto é arrematado com um sermão do professor. Estamos inegavelmente longe de **Les Quatre Cents Coups**, onde pais e instituições são sádicos e cujo paralítico final significa apenas incerteza quanto ao futuro do protagonista.

Um aspecto curioso de **L'Argent de Poche** é a série de anacronismos que comporta, embora a acção se passe declaradamente no presente, em 1976 (*“a guerra da Argélia acabou há catorze anos”*, diz o jornal cinematográfico numa das sequências do cinema, quando também ouvimos a reconhecível voz do então presidente Giscard d'Estaing, cujo nome é logo depois citado). As roupas e penteados não poderiam ser mais típicos daquela época, mas há diversos elementos anacrónicos: a turma da escola não é mista, o que corresponde à França da infância de Truffaut e não à dos anos 70 (e as idades dos alunos parecem bastante variadas na mesma turma), a música “de fundo” é de Maurice Jaubert e a canção que comenta certos trechos é de Charles Trénet. E em 1976 os jornais cinematográficos, que fizeram parte da experiência cinematográfica de várias gerações de espectadores, já tinham desaparecido há bastante tempo. É como se Truffaut (que vemos de relance na sequência de abertura, numa piscadela a Hitchcock) se identificasse com os seus jovens protagonistas através destes elementos que domina, através de referências da sua própria geração.

Na citada entrevista, conta-nos Truffaut que **L'Argent de Poche** era um projecto antigo, no qual incluiu lembranças pessoais, o que talvez explique os anacronismos. E conta-nos sobretudo que a sua ideia inicial era fazer um filme em episódios, mas que a abandonou depois de ter conseguido entrelaçar diversas histórias e personagens em **A Noite Americana**. Embora as situações fossem, evidentemente, previstas pelo guião, os diálogos das crianças foram quase sempre improvisados, o que explica certas hesitações, certos risos, que fazem parte de um filme em que Truffaut queria *“falar de coisas sérias”*, mas que também deveria *“agradar às crianças, ser o filme delas”*. A partir do seu filme seguinte, **O Homem que Gostava das Mulheres** (em que mata Antoine Doinel, o seu personagem *alter ego*, embora o tenha disfarçado com outro nome), Truffaut abandonaria o optimismo beato. Fez dois divertimentos (**O Último Metro**, que foi o seu maior triunfo comercial de sempre, e **Finalmente Domingo**), mas também um filme sobre a morte (**O Quarto Verde**), e dois filmes nada adocicados sobre as relações amorosas (**Amor em Fuga** e **A Mulher ao Lado**). A sua tentativa de voltar à “idade da inocência” não teve seguimento, até porque, como Truffaut bem sabia, esta idade não existe.

Antonio Rodrigues